

26 FEV 1987

ainda txt
26 FEV 1987

Ao anunciar a suspensão dos pagamentos de juros sobre a dívida externa de longo prazo, o presidente José Sarney deixou claro que a decisão do Brasil não representava uma confrontação com os seus credores. Efetivamente, as primeiras decisões anunciadas aos bancos estrangeiros pareciam confirmar esta intenção de diálogo, aliás recebida com alívio pelos bancos credores, uma vez que se preservariam todas as operações de curto prazo. Já o telex enviado no dia 24 aos bancos traduz profunda modificação no cenário, representando ainda, ao mesmo tempo, o receio do governo brasileiro, ora engajado em ofensiva muito prematura.

Em nosso comentário de ontem assinalamos que a suspensão do pagamento dos juros poderia, no plano legal, ser considerada um rompimento, unilateral, do acordo firmado no ano passado com os bancos estrangeiros, o que lhes daria o direito de suspender suas linhas de crédito de curto prazo e as operações interbancárias. No entanto, os bancos, na sua grande maioria, estavam decididos a não adotar medidas de represália e a

manter suas linhas de crédito. Tudo a indicar, aliás, que se aceitara o conselho dado pelo Comitê de Assessoramento dos bancos a seus membros, por temer que a não-renovação das linhas de crédito pudesse colocar o Brasil numa situação insustentável, a qual tornaria muito mais difícil uma renegociação.

Sabia-se, no entanto, que alguns pequenos bancos usariam do seu direito de retaliação, esperando-se, por outro lado, que esta fosse muito limitada. De fato, todas as notícias pareciam confirmar — e disso o governo brasileiro se vangloriou — que a grande maioria dos bancos estava mantendo seus compromissos é que estes, pelo menos até 31 de março, seriam respeitados. Prazo suficiente para que melhor se conhecessem as verdadeiras intenções do Brasil e o programa que pretendia apresentar aos credores.

Não agradou no entanto ao governo a suspensão de algumas operações que na sua grande maioria poderiam ser consideradas normais, por ser norma dos bancos estrangeiros não renovar no mesmo dia os cré-

ditos que venciam. Tal norma (visando a testar a liquidez dos devedores, fazendo-os aguardar por três ou cinco dias a renovação da operação) era a chamada operação de *clean up*. É possível que esta tivesse atingido proporção maior do que no passado, o que seria normal após o vendaval representado pela suspensão do pagamento de juros sobre a dívida de longo prazo. O governo brasileiro, no entanto, interpretou como séria ameaça a atitude dos bancos credores, os quais, rapidamente, poderiam esgotar as parcas reservas que o Brasil conseguiu guardar.

Assim, Brasília abandonou sua posição defensiva — que os credores podiam entender — para adotar uma tática ofensiva sem dispor, talvez, do armamento requerido pela batalha. Agora, os créditos que vencerem sem imediata renovação serão bloqueados numa conta do Banco Central. O banco credor poderá decidir colocá-los à disposição do mesmo banco devedor ou de um outro banco brasileiro para obter a liberação imediata. Caso contrário, os créditos ficam bloqueados por tempo indeterminado.

O que se pretende é forçar os credores a manter tais créditos em favor do Brasil.

Os bancos afetados podem recorrer à Justiça (com foro nos Estados Unidos, segundo o acordo assinado pelo Brasil...) e certamente ganharão, permitindo-se ao credor pedir a apreensão de bens brasileiros no Exterior.

Com sua recente medida, o governo brasileiro já está reconhecendo sua posição de fraqueza, demonstrando seu receio. Precipita, ao que entendemos, uma crise que poderia ter sido evitada. Com efeito, se ainda podíamos contar com a boa vontade dos credores, sabem eles, agora, que escolhemos o caminho da guerra declarada. É possível que com este ato se consiga salvar um ou dois bilhões de dólares. Mas — pergunta-se — quanto se perderá do outro lado? O FMI foi responsabilizado por uma recessão que reduziu em 14% o PIB *per capita* em três anos. O que nos permite perguntar se a política do PMDB não suplanta a *performance* do organismo internacional...